



Opinião Econômica

Bráulio Borges

Mestre em teoria econômica pela FEA-USP, é economista-sênior da LCA Consultores e pesquisador-associado do FGV IBRE

Serviços ecossistêmicos e o PIB

A média da chuva entre 2012 a 2024 é quase 15% menor do que entre 1980 e 2011

Pelo menos desde 2021, eu venho chamando a atenção para a estiagem crônica que o Brasil tem enfrentado desde 2012. Embora conjuntamente as chuvas tenham se aproximado da média histórica nos meses finais de 2024 e no começo deste ano, o fato é que, de 2012 a 2024, as precipitações anuais em território nacional foram quase 15% menores do que entre 1980 e 2011.

Na prática, dada a persistência desse quadro há mais de 10 anos, é possível apontar com certa segurança que a média já mudou, para baixo. Como não estávamos devidamente preparados para isso, essa mudança gerou efeitos bastante deletérios sobre a economia brasileira na última década, uma vez que o serviço

ecossistêmico propiciado pelas chuvas é crucial em um país em que quase 25% do PIB (Produto Interno Bruto) está relacionado ao agronegócio e que cerca de 60% da geração de eletricidade advém de hidrelétricas (já foi de 90% antes do racionamento de 2001).

Ainda assim, essa questão segue sendo menosprezada por boa parte dos analistas -a despeito de diversos estudos internacionais apontarem a relevância das chuvas para a performance econômica dos países, sobretudo daqueles em desenvolvimento.

Na semana passada, foi publicado mais um desses estudos, centrado na economia uruguaia. O trabalho, de economistas do FMI (Fundo Monetário Internacional), apontou que a seca observa-

da no país entre o último trimestre de 2022 e meados de 2023, com chuvas 47% abaixo da média histórica, teve um impacto sobre o PIB deles de quase 1,5 p.p. negativo nesse período, com os efeitos negativos perdurando até 2024.

Vale lembrar que, no Brasil, as chuvas foram 28% menores do que a média histórica em 2024 e 2021, cerca de 20% mais baixas em 2022 e 2023 e 10% mais baixas no período de 2012 a 2019. Também é importante lembrar que nosso sistema econômico depende mais de chuvas do que o uruguaio: embora a participação do agronegócio no PIB seja semelhante nos dois países, no Uruguai a participação da geração hidrelétrica no total tem se situado em torno de 30% desde 2020,

comparativamente a pouco mais de 60% no caso brasileiro.

A estiagem no Brasil não está tão associada ao aumento das temperaturas no mundo (uma mudança climática global) e sim ao desmatamento acumulado na região da floresta amazônica (uma mudança climática regional).

Esse desmatamento, além de despejar liquidamente gases de efeito estufa na atmosfera global, também vem afetando, negativamente, o fenômeno local conhecido como “rios voadores”, o qual determina parte relevante das chuvas na região Centro-Sul do Brasil e mesmo no norte da Argentina, Paraguai e Uruguai.

Portanto, não podemos ignorar, nas análises econômicas, os efeitos do meio ambiente sobre

os processos produtivos. O Banco Mundial estimou, em um trabalho publicado no ano passado (“The Changing Wealth of Nations 2024”), que o estoque de capital associado a recursos naturais renováveis respondeu, em 2020, por quase 11% do estoque de riqueza brasileira (o dobro do percentual estimado para o mundo como um todo).

Nesse contexto, é importante ressaltar a inovação introduzida pela SPE (Secretaria de Política Econômica), para calcular o resultado fiscal estrutural -que citei na minha última coluna. Até onde se saiba, tratou-se do primeiro trabalho a incorporar, explicitamente, ao menos um serviço ecossistêmico (chuvas) para estimar o PIB potencial brasileiro.

Jornal do Comércio 91

Informação confiável na palma da sua mão

Escaneie o QR Code e siga o canal do JC no WhatsApp para receber as principais notícias



Escaneie o QR Code e faça parte do Canal do JC.



Melnick lançou seis empreendimentos em 2024 no RS

/ EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS

Eduardo Torres

economia@jornaldocomercio.com.br

A Melnick lançou seis empreendimentos imobiliários em 2024 entre Porto Alegre e Canoas, obtendo cerca de R\$ 1 bilhão em valores gerais de vendas (VGV) nos três primeiros trimestres (janeiro a setembro). A incorporadora não informa os valores investidos nestes projetos no ano passado.

Na cidade da Região Metropolitana, foi iniciada a terceira fase do Grand Park Moinhos. Já na Capital, a presença da incorporadora com empreendimentos próprios é percebida em diversos bairros.

No bairro Bom Fim, toma forma o Yofi Residencial, na Rua Bento Figueiredo. No Bela Vista, é erguido o Zayt; no Moinhos de Vento, o GO Moinhos foi lançado em 2024, assim como o Open Alto Ipiranga, no bairro Agronomia, e, no bairro Auxiliadora, há o lançamento do Jazz Nova York.

Com a enchente de maio, não houve lançamentos no segundo trimestre, mas houve uma retomada no período seguinte do ano passado, que permitiu manter o planejamento de lançamentos para 2024. Em nota enviada pela assessoria de imprensa, o CFO da incorporadora, Juliano Melnick, comenta que houve “um retorno à normalidade importante para o mercado do Rio Grande do Sul. Voltamos a lançar e o mercado absorveu de forma muito positiva todos os lançamentos. Nossas obras também retomaram seus ritmos normais, apesar dos sérios problemas enfrentados pelo Estado nos meses de maio e junho”.



MELNICK / DIVULGAÇÃO / JC

Empresa também investiu na construção de projetos iniciados anteriormente

Ficha técnica

- Investimento: não informado
- Estágio: Anunciado
- Empresa: Melnick
- Cidades: Porto Alegre e Canoas
- Área: Empreendimentos imobiliários

Fiergs anuncia Susana Kakuta para liderar Sesi-RS, Senai-RS e IEL-RS

/ INDÚSTRIA

A Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (Fiergs) anunciou ontem, por meio de nota, que Susana Kakuta assumirá o cargo de diretora-geral do Sesi-RS, Senai-RS e IEL-RS, a partir de 1º de fevereiro. Susana responderá pelas três instituições, subordinada ao diretor-executivo da Fiergs, Paulo Herrmann.

A instituição informou que está concluindo o projeto de implantação de um novo modelo de gestão que concentra o Serviço Social da Indústria (Sesi-RS), o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai-RS) e o Instituto Euvaldo Lodi (IEL-RS) em um comando único.

“O desafio é relevante, pois trata da gestão de três instituições que impactam diretamente em temas como o preparo da força de trabalho para o presente e o futuro da indústria, a competitividade pela inovação e a modernização dos diferentes setores produtivos,

além de um conjunto de ações focadas no bem-estar do trabalhador da indústria e suas famílias”, afirmou Susana, de acordo com a nota divulgada pela comunicação da Fiergs.

A executiva tem passagens por instituições como Confederação Nacional da Indústria (CNI) e Badesul - Agência de Fomento do RS. Também foi secretária de Estado na gestão de José Ivo Sartori (2015-2018) e comandou o Tecnosinos, parque de inovação da Unisinos, em São Leopoldo.

“Este movimento é mais um passo na construção de uma Fiergs única e fortalecida na sua missão de representar os interesses da indústria gaúcha. Particularmente, a missão de nossa nova diretora é das mais relevantes por estar associada a temas estratégicos da nossa gestão, como educação, saúde, inovação e formação de mão-de-obra”, afirmou o presidente da Fiergs, Claudio Bier, segundo texto enviado pela assessoria de entidade representativa da indústria.